



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ROSALIA ALMEIDA TAVARES ARAÚJO  
MARIA SÁ FELIZMINO XAVIER**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:  
UM PROCESSO DIAGNÓSTICO**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**

**ROSALIA ALMEIDA TAVARES ARAÚJO  
MARIA SÁ FELIZMINO XAVIER**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:  
UM PROCESSO DIAGNÓSTICO**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2008**



- A659a Araújo, Rosalia Almeida Tavares.  
Avaliação da aprendizagem: um processo diagnóstico /  
Rosalia Almeida Tavares Araújo, Maria Sá Felizmino Xavier.  
Cajazeiras, 2008.  
38f.
- Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2008.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.
1. Avaliação educacional. 2. Aprendizagem educacional.  
3. Sucesso escolar. 4. Fracasso escolar. I. Xavier, Maria  
Sá Felizmino. II. Lima, Maria Janete de. III. Universidade  
Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de  
Professores. V. Título

CDU 37.015.3

**Rosalia Almeida Tavares Araújo**

**Maria Sá Felizmino Xavier**

**Avaliação da Aprendizagem: Um Processo Diagnóstico**

Aprovada em 04/04/2008

Maria Janete de Lima

Ms. Maria Janete de Lima

Professora Orientadora.

*Educar e ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um  
semeador de idéias.*

*Augusto Cury.*

### **Dedicatória**

Algumas pessoas marcam a nossa vida para sempre, umas porque nos vão ajudando na construção outras porque nos apresentam projetos de sonhos e outras ainda porque nos desafiam a construí-la.

Aos nossos familiares e amigos.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

## **Agradecimentos**

A Deus que soube nos compreender dando-nos força para vencer os desafios.

Aos mestres que nos orientaram e transmitiram experiências de vida, nos ensinando a vencer.

A nossa família que nos apoiou em todos os momentos das dificuldades nessa caminhada.

Nosso muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho tem por tema: Avaliação da aprendizagem: um processo diagnóstico. Partindo da compreensão de que a avaliação é processo complexo, ou seja, um problema que aflige tanto os professores quanto aos alunos, portanto requer preparo para lidar com ele, visto que, a escola utiliza-se deste processo para verificar a eficácia do ensino-aprendizagem, enfrentando os desafios na busca por melhores formas de avaliar seus alunos. Nessa perspectiva é que sentimos a necessidade de aprofundarmos o estudo a cerca dessa temática para tanto escolhermos a Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida na cidade de São João do Rio do Peixe – PB. Com oito professores de 1ª à 4ª series do Ensino Fundamental que responderam o questionário. Os dados foram obtidos através de entrevistas, observação e regência. Nos capítulos I e II fazemos uma revisão bibliográfica das obras mais importantes sobre o ato de avaliar que é essencial na construção do estudo. Esta revisão foi complementada por um estudo de caso sobre a avaliação na escola. No capítulo III consta a análise dos dados da pesquisa realizada. A análise de dados tem como finalidade descobrir o que é realmente relevante para uma tomada de decisões e serve também para mostrar para qual problema, e qual realidade devem-se direcionar os objetivos desse trabalho. Construindo algumas sugestões que venha amenizar as dificuldades encontradas pelos docentes para desenvolver a avaliação tendo o aluno como sujeito co-responsável pelo sucesso dessas atividades. No capítulo IV, por fim, fazemos as considerações finais do trabalho realizado junto às professoras sobre a temática a avaliação da aprendizagem. Relatamos os resultados da pesquisa e que contribuições trouxeram para nossa formação enquanto profissionais da educação.

**Palavras-chave:** educação; professor; avaliação.



## SUMÁRIO

Introdução.....	08
1. Capítulo I. Uma retrospectiva da avaliação.....	10
1.1. Tipo de avaliações.....	13
1.2. Avaliação nos Parâmetros Curriculares Nacionais.....	15
1.3. Conceitos de avaliação.....	16
1.4. Funções da avaliação.....	16
1.5. Importância da avaliação.....	17
Capítulo II Avaliação e prática pedagógica.....	19
2. Avaliação e a produção do sucesso /fracasso escolar dos alunos.....	23
Capítulo III Análise dos dados da pesquisa.....	26
3. Metodologia da pesquisa.....	26
3.1. Análise dos questionários dos professores.....	27
3.2. Análise dos questionários dos alunos.....	31
3.3. Análise da Estágio .....	32
Conclusões.....	33
Referências bibliográficas.....	35
Anexos.....	36

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema: Avaliação da aprendizagem: um processo diagnóstico. Partindo da compreensão de que a avaliação é processo complexo, ou seja, um problema que aflige tanto os professores quanto aos alunos, portanto requer preparo para lidar com ele, visto que, a escola utiliza-se deste processo para verificar a eficácia do ensino-aprendizagem, enfrentando os desafios na busca por melhores formas de avaliar seus alunos.

Sendo assim, para que a avaliação seja satisfatória nesse processo de aprendizagem, é importante ter em vista a sua função diagnóstica que consiste em um momento de observação de um processo dinâmico na busca pela construção do conhecimento. Nessa ótica entendemos que é necessário trabalhar esse tipo de avaliação, na busca de se compreender a realidade na tentativa de construção do conhecimento numa relação mútua e prazerosa entre professor e aluno.

Nessa perspectiva é que sentimos a necessidade de aprofundarmos o estudo a cerca dessa temática para tanto escolhermos a Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida na cidade de São João do Rio do Peixe - PB. Com oito professores de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental que responderam o questionário.

Em um encontro informal com os professores desta instituição, pudemos verificar que o corpo docente entende a prática avaliativa desenvolvida pela escola como um entrave ao processo de ensino-aprendizagem devido sua complexidade e abrangência.

Nesse sentido definimos com objetivo investigar como a avaliação contribui no processo de ensino-aprendizagem. Na busca de uma solução para estes problemas, muitos trabalhos vem sendo desenvolvidos a fim de sanar as limitações da avaliação. Mas pela abrangência do tema e pela complexidade do problema este assunto está longe de ser esgotado, merecendo dessa forma, novas abordagens.

Em razão do conhecimento das dificuldades encontradas pelos alunos do Ensino Fundamental no que diz respeito à questão da avaliação, a metodologia utilizada na

avaliação torna-se o principal alvo para solucionar os problemas relacionados ao baixo aproveitamento escolar e ao fracasso geral dos alunos nesse nível de ensino. Cabe aos professores construir caminhos, motivando os alunos a adquirir o hábito de ler, escrever e compreender as formas como o docente avalia o processo de ensino.

A importância desse estudo se dá porque consideramos a avaliação relevante e indispensável na trajetória profissional do educando e do educador. Sendo assim, resolvemos realizá-lo no intuito de descobrir como desenvolver o processo avaliativo na escola. Os dados foram obtidos através de entrevistas, observação e regência.

As opiniões e idéias apresentadas pelas professoras durante as entrevistas, serviram do subsídio para melhor compreensão da temática. Este trabalho está sistematizado em três capítulos.

Nos capítulos I e II fazemos uma revisão bibliográfica das obras mais importantes sobre o ato de avaliar que é essencial na construção do estudo. Esta revisão foi complementada por um estudo de caso sobre a avaliação na escola.

No capítulo III consta a análise dos dados da pesquisa realizada. A análise de dados tem como finalidade descobrir o que é realmente relevante para uma tomada de decisões e serve também para mostrar para qual problema, e qual realidade devem-se direcionar os objetivos desse trabalho. Construindo algumas sugestões que venha amenizar as dificuldades encontradas pelos docentes para desenvolver a avaliação tendo o aluno como sujeito co-responsável pelo sucesso dessas atividades.

No capítulo IV, por fim, fazemos as considerações finais do trabalho realizado junto às professoras sobre a temática a avaliação da aprendizagem. Relatamos os resultados da pesquisa e que contribuições trouxeram para nossa formação enquanto profissionais da educação.

# CAPÍTULO I

## 1. Uma retrospectiva da avaliação

A avaliação, nesta concepção é motivo de repressão quando o professor não dá importância ao que foi construído ao longo de um processo de ensino-aprendizagem. É apenas uma forma de testar e medir os acertos e erros dos indivíduos.

Segundo esta prática, ainda hoje, avaliar é: dar notas, fazer provas, registrar notas, conceitos e etc. assim utilizam-se dados comprováveis, na medida em que é mais fácil atribuir aos alunos medidas de resultados obtidos em exames.

O instrumento de avaliação mais utilizado na avaliação tradicional é a prova pela qual ficam os objetivos distorcidos e muitas vezes são marcados para castigar os alunos e ameaçá-los de reprovação. Em muitas oportunidades se quiseram pegar os alunos desprevenidos, causando medo entre os educandos.

Assim a avaliação se torna uma razão de controvérsias entre educandos e educadores, havendo enormes diferenciações entre educar e avaliar. É algo meramente burocrático e se perde a concepção de que a avaliação é essencial à educação uma vez que, esta deve oportunizar uma reflexão sobre a ação educativa. No processo quantitativo de avaliação o erro na prova é visto de forma estanque. Na maioria das vezes não há um trabalho à partir dos erros do educando.

Essa prática tradicional aborda a ação avaliativa como garantia de um ensino de qualidade. Contudo, classificatória faz com que o conhecimento continue sendo fragmentado, o que impede de manter uma relação interativa entre docente e discente a partir da reflexão conjunta.

Em vez de fragmentar, é preciso incentivar a interação do aluno no processo ensino-aprendizagem onde cada um tem algo a ensinar para o outro, sendo a avaliação um elo entre a sociedade, as escolas e os estudantes.

Daí a necessidade de uma conscientização de todos estes segmentos, sugerindo que a avaliação seja recuperada para que a qualidade do ensino não fique comprometida. O educador deve ter o cuidado com as influências na história da vida do aluno e do próprio professor para que não haja, mesmo inconscientemente, a presença de autoritarismo e de arbitrariedade que a perspectiva construtiva tanto combate.

Segundo Hoffman ( 995), avaliar num novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar no aluno, em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas.

Na Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394/96, de acordo com o Art. 24, inciso V, sobre a avaliação escolar segue-se:

- Uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.
- A possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- A possibilidades de avanços nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- O aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- A obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escola, a serem disciplinados pelas instituições de ensino e seus regimentos (LDB, 9394/96).

Avaliação escolar é um processo pelo qual observamos, verificamos, analisamos e interpretamos um determinado fenômeno (construção do conhecimento) situando-o concretamente quanto aos dados relevantes, objetivando uma tomada de decisão em busca da produção humana.

Segundo Luckesi (1997), avaliar tem basicamente três passos: - Conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade. - Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo (qualificação). - Tomar as

decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

Neste sentido é essencial definir critérios em que caberá ao professor listar os itens realmente importantes, informá-los aos alunos, sem uma necessidade, pois a avaliação só tem sentido quando é contínua, provocando o desenvolvimento do educando. O importante é que o educando utilize o diálogo como fundamental eixo norteador e significativo papel da ação pedagógica.

Por conseguinte, a avaliação qualitativa deve estar alicerçada na qualidade do ensino e pode ser feita para avaliar o aluno como um todo no decorrer do ano letivo, observando a capacidade e o ritmo individual de cada um.

Desta forma, para haver uma avaliação quantitativa e não classificatória deve acontecer uma mudança nos paradigmas de ensino em relação a democratização da educação escolar. Esta democratização tem sido um dos maiores problemas com os quais a escola se defronta, por exemplo, como ter um projeto se não existe espaço sistemático de encontro do que compõem a comunidade escolar para que haja realização coletiva?

A auto-avaliação deve estar presente em todos os momentos da vida, como o ato de julgar o próprio desempenho de alunos e professores. O educador deve se auto-avaliar, revendo as metodologias utilizadas na sua prática pedagógica. E auto-avaliação do aluno deve servir como subsídio para sua própria avaliação para refletir sobre a relação e interação entre educando e educador.

O professor deve utilizar instrumento avaliativo vinculado a necessidade de dinamizar, problematizar e refletir sobre a educação educativo/avaliativo da instituição. Pode utilizar método como:

Auto-avaliação: este instrumento de avaliação deve ser utilizado pelo educador que se preocupa em formar indivíduos críticos, sendo capazes de analisar suas próprias aptidões, atitudes, comportamentos, pontos favoráveis e desfavoráveis e êxitos na dimensão do propósito. Ao ser utilizado, os educandos começam a ter mais responsabilidades por suas próprias construções individuais. Propiciando, portanto, condições para o aluno refletir sobre si mesmo e o que tem construído ao longo da vida. A avaliação é vista como um processo abrangente da existência humana que implica numa reflexão crítica no sentido de

captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão para superar os obstáculos, tendo em vista a função de processo transformador da educação na sociedade.

### **1.1 Tipos de avaliação**

É importante salientar que o próprio educador pode adotar por conta própria, técnicas modernas e atuantes para o processo avaliativo de seus educandos, sendo que se tenha verdadeiramente responsabilidade para tal prática, excluindo da sala de aula a insegurança, a rigidez e a punição.

Na visão de Saul (1995), a avaliação emancipatória possui dois objetivos essenciais: trilhar o caminho da transformação e beneficiar o aluno, tornando o processo autodeterminado.

O paradigma da avaliação emancipatória sua construção inspirada em três vertentes teórico-metodológicas: avaliação democrática, avaliação crítica institucional e coletiva e a avaliação pesquisa participante.

Avaliação democrática descritiva por Barry Macdonald (apud Saul 1995, p.54) apresenta um pluralismo de valores e procura apresentar uma gama variada de interesse ao formular suas principais indagações.

Avaliação crítica institucional representada por Michel Segurier (apud Sal 1995, p.54), se concentra na investigação de uma dada realidade que objetiva a aplicação de método de conscientização aos mais variados tipos de organização.

Avaliação como pesquisa participante, representada por Orlando FaIs (apud Saul 1995, p.59) tem suas teorias fundamental nas necessidades básicas do indivíduo, nas necessidades da população das classes carentes, buscando em suma o desenvolvimento autônomo.

Avaliação escolar representada por Esteban (2000,56) afirma que tradicionalmente, a

questão da avaliação escolar sempre esteve pautada nos pontos antagônicos de "sucesso/fracasso", "saber/não saber", "erro/acerto", contribuindo assim para o caráter excludente da escola e conseqüentemente o fracasso escolar.

A avaliação diagnóstica faz um prognóstico sobre as capacidades de um determinado aluno em relação a um novo conteúdo a ser abordado. Luckesi (1997, p.26).

A avaliação formativa tem a finalidade de proporcionar informações à cerca do desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem com o fim de que o professor possa ajustá-lo as características das pessoas que se dirige. Hoffman (1995, p.37).

A avaliação classificatória normalmente é uma avaliação pontual habitualmente acontece no final de uma unidade de ensino, de um curso, um ciclo ou um bimestre etc. Sempre tratando de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos. Romão (1999, p. 40).

Avaliação comumente utilizada nas escolas diz: "ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar". (Libâneo, 1994, p. 198).

A avaliação comutativo-certificadora:

ao esclarecer os autores do jogo socioeconômico prepara decisões de validação de aquisições. Avaliação normativa de grupo: ao que oferecer referenciais sobre o nível dos alunos, esclarece e prepara escolhas curriculares. (Freitas, 2002, 42).

Avaliação mediadora,

exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. Avaliação dialógica vai conceber, o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação. (Hoffman, 1993).

Avaliação da aprendizagem é um tipo de investimento e é também um processo de conscientização sobre a "cultura primária" do educando com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos. (Romão, 2003).



## A avaliação quantitativa,

embora o erro do aluno permaneça tratado como um fator negativo. Sendo que o mesmo engloba duas perspectivas: a avaliação como instrumento de controle (com aparência democrática) e a perspectiva de rompimento com o sistema de controle e de segregação com modificações superficiais. Avaliação no cotidiano escolar deve sinalizar interesses pelo abandono da classificação dos conhecimentos e buscar os processos emergentes e éticos e enunciam novas possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento. (Esteban, 2000, p. 22).

### 1.2 Avaliação nos Parâmetros Curriculares Nacionais

É importante ressaltar aqui, que as escolas têm recebido propostas desafiadoras para redefinir o processo avaliativo. Contudo para o desenvolvimento dessa proposta é preciso que o professor tenha uma reflexão consciente da sua própria ação pedagógica, envolvendo diretamente o aluno como sujeito do processo avaliativo desenvolvendo suas ações em conjunto efetivando um processo de ensino aprendizagem de qualidade.

Preocupado com as questões avaliativas, o governo definiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, sugestões de avaliação na perspectiva diagnóstica e mediadora, na qual o professor deve esclarecer o que vai ser avaliativo durante o seu planejamento, selecionando técnicas adequadas para avaliar o que pretende, lançando mãos de instrumentos diversificados, envolvendo pontos de aprendizagem, englobando aspectos orais e escritos. (PCN's: 1997, p. 84):

É fundamental a utilização de diferentes códigos, como verbal, oral e escrito. O gráfico, o numérico, pictórico de forma a se considerar as diferentes aptidões do aluno, portanto, que o ato de avaliar vai muito além das provas de verificação da aprendizagem. E, sobretudo uma ação consciente com propósitos definidos, com vistas a tomada de decisões.

### 1.3 Conceitos de avaliação

Na contemporaneidade o conceito de avaliação vem sendo questionado e refletido cada vez mais, por ser uma atividade inerente a experiência cotidiana do ser humano. Neste sentido, constantemente estamos analisando e julgando a nossa situação e de outras pessoas.

Vejamos alguns conceitos de avaliação:

"A avaliação enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação ( ... )". "Avaliação é movimento, é ação e reflexão". "Avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento" (HOFFMAN, 1995, 63).

"A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar, é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto e se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na seleção de meios alternativos e na sua execução do projeto, tendo em vista a sua execução". (LUKESI, 1997. 30).

"A avaliação é um dos elementos da prática pedagógica, ela faz parte de um todo e, como tal, interage com cada um dos elementos dos outros elementos desse todo" (MELCHIOR, 1994, 76).

"A avaliação serve para os alunos como instrumento de diagnóstico para sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem; e para o professor poderá contribuir para uma análise reflexiva, no sentido de avaliar a eficácia de seu desempenho" (MELCHIOR, 1994, 23).

"A avaliação caracteriza o processo avaliativo como um "processo de investigação, pesquisa que vive as transformações, perdendo a conotação da mensuração de julgamento que leva classificações ( ... )" trata-se, portanto, não de um procedimento estático e imutável, mas sim de um sistema dinâmico, cujo objetivo é acompanhado e determinado pelas mutações que ocorrem na sociedade, sendo assim, deve abastecer-se do caráter mensurável e quantitativo da aprendizagem" (GARCIA, 1984, 45).

### 1.4 Funções da avaliação

Segundo Libâneo (1994, p. 16) as principais funções da avaliação são: pedagógica-

didática, diagnóstica e de controle. A Função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Favorece uma atitude mais responsável do aluno em relação ao estudo. A avaliação contribui para assimilação e fixação, pois a correção dos erros obtidos possibilita o aprimoramento, a ampliação e o aprofundamento de conhecimentos e habilidades e o desenvolvimento das capacidades cognitivas.

Função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação do professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. Na prática cotidiana a função de diagnóstico é a mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e a que dá sentido pedagógico a:função de controle. A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas.

Função de controle se refere aos meios e a frequência das verificações e de qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas. Há um controle sistemático e contínuo que ocorre no processo de interação professor-aluno no decorrer das aulas, através de uma variedade de atividades, que permite ao professor observar como os alunos estão conduzindo-se na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais.

Conforme observamos as funções da avaliação acontecem de forma interdependente, como forma de atingir os objetivos no ensino-aprendizagem.

### **1.5 Importância da avaliação.**

A avaliação é considerada uma atividade indispensável no processo ensino-aprendizagem, e que exige uma reflexão contínua e permanente da prática docente, como forma de melhorar cada vez mais a aprendizagem dos alunos.

Por isso, a prática avaliativa vem sofrendo críticas e reflexões no cotidiano escolar por ter

vido reduzida muitas vezes à função de controle, cujo objetivo maior é a classificação quantitativa dos alunos através de notas obtidas em provas. Esta perspectiva avaliativa reduz a avaliação a simples cobrança daquilo que o aluno memorizou, tomando um instrumento de medida de controle.

O processo avaliativo precisa ser observado, analisado e refletido tomando como base os elementos do ensino, os objetivos formulados, os métodos e procedimentos adotados pelo docente, a situação social dos discentes, as condições e meios de sistematização do ensino, as aprendizagens prévias dos alunos as diferenças individuais, o nível de desenvolvimento intelectual e as dificuldades dos educandos. Neste sentido, a avaliação deve integrar os aspectos quantitativos do processo ensino-aprendizagem.

## CAPITULO II

### Avaliação e prática pedagógica

No momento em que a avaliação é vista de forma bastante generalizada como uma obrigação tanto do ponto de vista moral quanto institucional, será que não está na hora de aprender e avaliar inteligentemente o paradigma da avaliação formativa, em particular, parece-me hoje mais pertinente do que nunca como modelo ideal regulador das práticas de avaliação no meio educativo. Entretanto e justamente para poder avançar na direção desse modelo ideal, julgo necessário tomar certa distancia das práticas de avaliação escolar em torno de quatro palavras-chave questões, decisão, objeto e instrumentação.

O "triângulo mágico": questões, objetos, decisões.

Se avaliar consiste em pronunciar-se sobre a aceitabilidade de uma situação para dar transparência a decisões de ação (Hadji, 2001), o avaliador até mesmo para poder escolher as ferramentas adequadas tem de seguir necessariamente por um caminho que o obriga oferecer três tipos de esclarecimentos essenciais: Sobre as questões que coloca a si mesmo; Sobre as decisões que podem ser esclarecidas pela avaliação; Sobre qual deve ser objeto específico das averiguações.

No esforço de explicitar seu questionamento e de esclarecer o contexto de decisão, até mesmo para poder especificar o objeto legítimo de avaliação, o avaliador obtém os meios de elaborar um dispositivo de avaliação coerente, pois a escolha da instrumentação dependerá dessa tripla escolha anterior da questão a privilegiar, da decisão a preparar e do objeto a observar. A necessidade de percorrer esse caminho coloca o avaliador diante de quatro desafios.

Primeiro desafio: saber o que se quer saber ao avaliar.

Na avaliação a primeira grande fonte de desvios é ignorar o questionamento que dá sentido - ou que deveria dar - ao trabalho de avaliação. E o caso de perguntar quem se faz perguntas sobre o que no sistema escolar. Podemos identificar três grandes fontes de

questionamento (a sociedade, os professores e os alunos) e cinco objetos/alvos (o sistema escolar, um professor particular, um estabelecimento de ensino, um aluno particular ou vários grupos de alunos). Para ir ao ponto essencial, podemos distinguir quatro grandes problemáticas:

1 – Uma problemática de desenvolvimento pessoal: por exemplo, o aluno que se indaga sobre suas aquisições e suas lacunas no contexto de um procedimento de auto-avaliação.

2 – Uma problemática de ajustamento pedagógico: o professor que em um procedimento de avaliação formativa, indaga-se se os alunos aprenderam bem e se, como consequência, ele trabalhou eficazmente, com vistas a ajustar seu modo de trabalhar.

3 – Uma problemática da medida da eficácia: a sociedade indaga-se sobre o nível geral dos alunos de um país.

4 – Uma problemática de delimitação e de comprovação de efeitos ou de níveis: concessão de diplomas por avaliadores nomeados oficialmente que validem as aquisições.

Em cada caso, cada um deve saber o que está em jogo, tendo plena consciência da problemática em que está sendo inserido. No entanto, seria preciso ter clareza de que, para os professores é prioritária uma problemática de ajustamento pedagógico a serviço do desenvolvimento pessoal dos alunos.

Segundo desafio: tomar consciência do contexto de decisão.

A partir dos trabalhos de Freitas, (2002), uma análise de conjunto das funções atribuídas a avaliação escolar permitiu-se distinguir seis funções principais correspondente a seis tipos de decisão.

1 - A avaliação formativa: tendo como função facilitar as aprendizagens, está a serviço de decisões pedagógicas.

2 - A avaliação diagnóstica de etapa: ao esclarecer os responsáveis por uma classe está a serviço de decisões de progressão institucional (passagem ou não para a série seguinte).

3 - A avaliação diagnóstica de síntese: ao esclarecer os atores do jogo social, prepara

decisões de orientação.

4 - A avaliação cumulativo-certificadora: ao esclarecer os atores do jogo socioeconômico, prepara decisões de validações de aquisições.

5 - A avaliação normativa de grupo: ao oferecer referências sobre o nível dos alunos, esclarece e prepara escolhas curriculares.

6 - A avaliação externa: ao informar o conjunto dos cidadãos sobre a situação do sistema escolar, prepara decisões políticas de regulação do sistema.

O professor pode ser chamado a participar de forma mais ou menos discreta de cada uma dessas avaliações. O desafio é perceber - e compreender - onde está estranho e o que se espera dele ao envolvê-lo nesta ou naquela avaliação de maneira a:

Não participar de avaliações que estejam além de suas competências (por exemplo, cabe a um professor orientar seus alunos ou validar suas aquisições). Poder escolher as ferramentas de modo coerente com o contexto de decisão dominante; Evitar a contaminação de um tipo de avaliação formativa pela avaliação cumulativo-certificadora.

Terceiro desafio: especificar o objeto preciso da avaliação.

Este sem dúvida é o desafio mais difícil, pois quase sempre apenas se falará metaforicamente da observação de um objeto. A maioria dos objetos visados pela avaliação escolar não é diretamente observável. Em particular as representações (o que se passa na cabeça do aluno visto sob seu aspecto estrutural) e os processos (aspecto funcional) só podem ser reconhecidos por inferência. Como estar seguro de suas inferências. Seria preciso ter acesso a estrutura cognitiva do aluno, porém, o vocabulário aqui nem se quer está estabilizado: fala-se de capacidades, de competências, de esquemas, de operações mentais, de qualificações-chave transversais de habilidades, etc.

Contudo, não se encontram duas tipologias ou taxonomias semelhantes, duas listas idênticas de competências ou de operações mentais. Então, o que fazer? Pode-se vencer esse desafio inspirando-se em algumas regras do bom senso.

1 - Não se deixar desencorajar pela diversidade e pela competência dos resultados obtidos

pela pesquisa em psicologia cognitiva.

2 - Trabalhar em equipe, no âmbito de uma mesma disciplina de ensino, na identificação de objetos avaliação evocadas por tal parte do programa, tal contexto de decisão e tal problemática privilegiada.

3 - Desconfiar durante esse trabalho do excessivamente genérico (por exemplo: saber sublinhar?) ou do excessivamente transversal (por exemplo: saber analisar?) é preferível permanecer no âmbito concreto e específico de uma disciplina de sua essência (Hadi, 2001), de sua matriz e de seu programa.

4 - Buscar esses objetos mais quanto ao saber fazer do que aos meros saberes. Em outras palavras, privilegiar as competências, entendidas como saber fazer diante de um tipo de situação por duas grandes razões. Em primeiro lugar, um saber que não é simultaneamente um saber fazer não tem existência real. Em segundo lugar, privilegiar o saber fazer obriga a pensar, antes de tudo, nas atividades do aluno e em concebê-lo como sujeito ativo que constrói seus conhecimentos, segundo o espírito do "construtivismo". (SRED, 2001).

Prender-se a objetos que não sejam nem restritos demais nem cognitivos demais. Por um lado, os objetos não podem ser restritos demais porque é preciso preservar-se do risco de atomização e de pulverização em que caiu uma cena pedagógica por objetivos. É preferível, aqui pensar em tarefa mais global a pensar em exercício (mais formal e de alcance limitado). Por outro lado, eles não podem ser cognitivos demais porque ignoramos como funciona realmente a inteligência humana.

O mais sensato é focalizar em tarefas significativas, e não em ferramentas ou processos cognitivos e discutíveis, esta é a grande parcela de verdade daquilo que foi designado com a corrente da avaliação formativa, que estimula os próprios alunos a identificar critérios de realização de cada tarefa escolarmente significativa.

Quarto desafio: cuidar da instrumentação adequada.

Este último desafio não exige novos comentários. Por isso, vou limitar-me aqui a remeter o meu modelo de avaliação escolar (Hadi, 2001), insistindo na importância de não desprezar nenhuma das quatro fases desse processo:



- 1 - Especificação do objeto de avaliação.
- 2 - Escolha de um desencadeador, ou seja, de um comportamento observável apropriado.
- 3 - Identificação e coleta de informações úteis no âmbito de um conjunto de questões a serem colocadas ao produto avaliado.
- 4 - Tratamento e interpretação das informações coletadas.

E não se pode esquecer que é preciso comunicar seu julgamento respeitando certas exigências éticas, como também pensar e pôr em prática soluções sem as quais o professor avaliador será apenas um pseudo-ator, de mãos vazias.

"A luta por uma escola para todos somente poderá ser conseqüente quando a escola for além de um local de aprendizagem, um local de tomada de consciência e de luta contra as desigualdades sociais e emancipatórios, quando então a escola encontrará seu lugar formativo/instrutivo no nosso tempo. Além do conteúdo, a escola deve ensinar novas relações com as pessoas e com a natureza. Mais do que nunca, temos que saber ler as medidas que estão sendo proposta, usando um instrumento teórico que nos permita desvelar as reais intenções e as práticas das atuais políticas públicas e armar a resistência. O neoliberalismo e suas "teorias" educacionais passarão - ainda que reste muita luta" (FREITAS, 2002, p. 32).

## **2. Avaliação e a Produção do Sucesso/Fracasso Escolar dos Alunos**

Na atual conjuntura globalizada, a política contemporânea volta-se para as reformas educativas, e essa discussão reforça cada vez mais a crença de muitos profissionais da área educacional sobre a importância atribuída aos processos avaliativos. A intenção explícita dessas reformas é de promover a inclusão dos educandos nos espaços educativos.

Hoffmann (1995) reforça a necessidade de o professor compreender a finalidade da prática avaliativa, colocando-a a serviço da aprendizagem do aluno. É necessário que o seu fazer pedagógico seja aplicado de forma eficiente e coerente. A avaliação da aprendizagem é

concebida como alternativa necessária para promover a inclusão, e não a exclusão na prática educativa.

Segundo Esteban (2000) a avaliação deve ser repensada como:

( ... ) parte de um processo mais amplo de discussão do fracasso escolar, dos mecanismos que o constituem e possibilidades de reversão desse quadro com a construção do sucesso escolar de todas as crianças das classes populares; as que efetivamente vivem cotidianamente o fracasso. (Esteban, 2000,7)

Portanto, a avaliação deverá assumir o papel de incluir as crianças no processo educativo principalmente as das classes populares, as que experimentam, vivem cotidianamente esses fracassos. Nesse caso, a avaliação deverá estar atrelada a reflexão sobre a produção do fracasso, do sucesso, inclusão, exclusão social do educando. São muitas as variáveis que interferem na questão do fracasso escolar, uma delas é a falta de clareza por parte dos professores no que se refere a "o que é ensinar", "como ensinar" e "porque ensinar".

Para Hadji (2001), a prática avaliativa classificatória utilizada por alguns professores não contemplam o educando na construção do seu conhecimento, bem como não se caracteriza como estratégia facilitadora do processo de aprender, haja vista, não respeitar as diferenças, os limites e os ritmos de aprendizagens de cada aluno.

Para que a avaliação tome uma conotação diferente em nossas escolas, faz-se necessário que esta seja estudada numa perspectiva transformadora, onde professor e alunos se inter-relacionam e se respeitam mutuamente. Essa nova forma terminal e pontual do processo educativo (avaliativo) transformando-se em um momento de investigação das dificuldades do educando, possibilitando as novas dinamizações e conhecimentos abrangendo a compreensão do processo de cognição.

Assim sendo, o professor deverá dinamizar oportunidades para o educando refletir sobre o mundo, sendo conduzido na construção do conhecimento, formulando e reformulando suas próprias hipóteses, tornando-os críticos e participativos, inserindo-os no contexto social e político.

Para que a avaliação ocorra numa perspectiva emancipadora é preciso que ela caminhe

com base no processo dialógico. É nesse processo que educadores e educando terão o momento de aprender sobre si mesmo no ato próprio da avaliação. Nela, a relação professor e aluno contrapõem-se a concepção sentenciosa, a qual vem sendo responsável pelo processo de eliminação de crianças e jovens da escola. (Hoffmann, 1995).

Para que o processo avaliativo seja benéfico tanto ao educando quanto ao educador, é necessário que o professor tenha objetivos em sua prática, e principalmente consciência da sua função, desenvolvendo princípios coercitivos direcionando a ação avaliativa ao caminho do diálogo. Portanto, a avaliação não deve ser concebida como "bicho de sete cabeças".

Ela deve ser vista pelos educadores como um meio de ajudar na melhoria do ensino aprendizagem, para que isso aconteça é preciso que educadores, alunos, pais e a sociedade trabalhem mutuamente para assim terem consciência sobre o papel da avaliação no meio educacional.

## **CAPITULO III**

### **Análise de dados**

#### **3. Metodologia da pesquisa**

A análise dos dados a seguir faz parte da pesquisa que completará a construção da monografia que tem por tema a avaliação da aprendizagem. A pesquisa foi realizada na Escola Normal e Estadual Ministro José Américo de Almeida, com oito professores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, que tinham que responder a um roteiro de questões sobre avaliação, em que o instrumento escolhido para a coleta de dados foi o questionário. O roteiro do questionário se encontra em anexo.

O presente trabalho busca pesquisar como a avaliação adotada pela instituição escolar, interfere ou contribui para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. A escolha por este tipo de estudo se deu porque ele disponibiliza elementos que servirão de suporte para investigar o fenômeno estudado, pois segundo Sousa (1995). “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivos de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado.”

Durante essa pesquisa fizemos estudos reflexivos de textos relacionados às seguintes temáticas: A Trajetória da avaliação; Os tipos de avaliações; Correção ou coerção; O Castigo Escolar a partir do erro; Avaliação na prática escolar, objetivando discussões e reflexões à cerca da Problemática da avaliação.

### 3.1 Análise dos questionários dos professores

O questionário aplicado aos professores, tinha perguntas, pelas quais se tentou obter as informações desejadas. De acordo com as questões foi possível identificar a idéia que os professores do Ensino Fundamental têm a respeito da avaliação.

A primeira questão referente à importância da avaliação no contexto ensino aprendizagem, todos os professores consideram ser a avaliação de grande importância. Nesse sentido, ilustra o depoimento da professora ' A ': "a avaliação é a única forma válida para conhecer o desenvolvimento do aluno." Diante dessa afirmação, vemos que é de grande importância para as professoras o ato de avaliar, pois a avaliação lhe possibilita fazer uma reflexão na sua prática pedagógica, assim como informa até que ponto os seus objetivos didáticos foram alcançados.

Por ser a avaliação considerada um processo amplo, o professor deverá estar bastante preparado, pois exige dele muita dedicação e requer um bom preparo teórico e perseverança para enfrentar os entraves que permeiam suas ações. Mas isso não é uma realidade na escola pesquisada, pois como professora do quadro da Instituição sabemos que parte está preparada, avalia seus alunos sem conhecimento, sem saber o que e nem o porquê, só sabem que é importante avaliar.

Nesse sentido Hoffman (1995, p 13) diz que: "(...) a prática avaliativa do professor reproduz e revela fortemente suas vivências como estudante e educador". No entanto, não cabe ao professor reproduzir essa prática, avaliando a aprendizagem exclusivamente em um só momento, mas deve fazer uso do próprio desenrolar do trabalho docente refletindo sobre a sua prática pedagógica.

A segunda questão foi sugestiva, por que colocou os professores frente a frente com um problema da realidade educacional que remete as dificuldades encontradas no que se refere aos instrumentos avaliativos utilizado por eles para avaliar seus alunos, a maioria dos professores diz ser a prova escrita e os trabalhos em grupo, a melhor forma de avaliá-los. No entanto, os instrumentos utilizados, segundo o depoimento da professora ' R ' "não são suficientes para avaliar seus alunos quando se restringe às provas escritas e trabalhos em

grupo.” Percebe-se assim a necessidade sentida pelas próprias professoras para recorrerem a instrumentos diversificados que dê ao aluno ao aluno a oportunidade de participar do processo avaliativo como sujeito do processo.

Segundo Luckesi (1997 p. 19)

“A prática da avaliação em nossas escolas, sobretudo por reduzir-se a sua função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nas provas, os professores não têm conseguido usar os procedimentos de avaliação que nem dividia implicam o levantamento de dados por meio de textos, trabalhos escritos etc. para entender a sua função educativa.” Luckesi (1997 p. 19).

A avaliação deixará de ser um ato final controlador de seleção para ser um momento de dinamicidade, se o professor aprimorar seus conhecimentos, o estudando constantemente, através de uma formação continuada sentindo-se responsável pela mesma.

Insistindo perguntando as professoras se os instrumentos eram suficientes para avaliar o desempenho do aluno, a maioria respondeu que não, como ilustra o dito da professora ‘ B ‘ “os instrumentos que usamos não são diversificados”. Além disso, segundo elas “é muito difícil avaliar o desempenho do aluno”. Vimos que as professoras são conscientes que os instrumentos utilizados por elas, não são suficientes nem muito satisfatórios, mas talvez por comodismo não busquem outros meios, uma vez que consideram muito cômodos e fáceis avalia-los conforme seus interesses.

A terceira questão tinha uma preocupação bastante interessante, saber qual é o tipo de avaliação se aproximasse da sua prática pedagógica na sua realidade do dia – a - dia com o problema de ter que enfrentar as dificuldades com avaliação. E todos responderam afirmativamente indicando a avaliação classificatória.

O relato das professoras 'G' e 'H' "a avaliação classificatória de medir o conhecimento do aluno". Nesse momento a avaliação é vista como num momento de classificação limitando ou dificultando a democratização do ensino, tornando a avaliação reduzida a um momento estático e não como acompanhamento permanente das dificuldades dos alunos.

De acordo com Lima (1994) o processo de avaliação numa perspectiva democrática deve levar uma consideração à modificação.

"A ação classificatória para, a diagnóstica, ou seja, a avaliação deveria ser assumida como um instrumento de compreensão de estágio e aprendizagem em que se encontra o aluno, tudo em vista em tomar decisões suficientes e satisfatórias para poder avaliar no processo de aprendizagem." (Lima, 1994, 98).

Dessa forma, a avaliação deveria ser um momento de aperfeiçoamento ultrapassando assim o ato classificatório, conforme Esteban (2000, p.16) "a avaliação não pode limitar e nem controlar as atuações (alunos/professor) no contexto escolar."

Nesse sentido Luckesi (1997, p23) diz (...) "as provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado."

Concordamos com o autor quando diz que os professores avaliam seus alunos conforme seus próprios interesses sem levar em consideração o que lhes foram ensinados. No entanto, o processo avaliativo não deveria se dar dessa forma dever haver um momento de interesses mútuos entre professor e aluno.

Na quarta questão perguntamos as professoras se o tipo de avaliação desenvolvido por elas interfere negativamente o contribui para a aprendizagem dos alunos, todas disseram contribui como relata as professoras 'J' 'A' e 'G' "é nos acertos e nos erros que os alunos melhoram o seu conhecimento procurando produzi-los. Outras afirmam que esse tipo de avaliação contribui para trabalhar as dificuldades dos alunos. Realmente, sabemos

que é errando que se aprende que o erro é um direcionamento para acerto, mas que esse erro deve ser bem trabalhado para que o aluno venha a compreender as suas dificuldades.

De acordo com Esteban (2000, 12) diz que “o erro tolerado como parte de um processo que antecede o acerto dando um direcionamento as respostas certas do educando.”.

Ainda tratando-se do erro Luckesi (1997) afirma que:

“O erro passa a ser utilizado como fonte de virtude ou de crescimento, necessita de efetiva verificação para ver se estamos diante dele ou da valorização preconceituosa de um fato, e do esforço visando compreender o erro quanto a sua construção e sua origem”. (Luckesi, 1997, 54)

Portanto é preciso que o professor conheça a origem e a constituição do erro do seu aluno para assim ajuda-lo a superar tal erro trazendo benefícios significativos para seu conhecimento reorientando seu entendimento e sua prática.

É chegado o momento os professores refletirem com profundidade sobre o sentido da correção de trabalho e prova. Segundo Hoffman, é preciso que o professor perceba que:

“Há sem dúvida, o atrelamento da ação corretiva à avaliação classificatória sentensiva. (...) corrige-se para dar notas, nesta correção sucedem-se as interrogações, as reprimendas em vermelho, as apreciações e orientações e genéricas ao estudante. (Hoffman, 1995, p.76).”

Segundo a autora, se retornarmos o significado da palavra corrigir, teremos, retificar, endireitar. Nesse sentido pela correção torna-los o direito, na escola de refazer o que o outro fez (Hoffman, *ibidem*).

Ainda, nos depoimentos as professoras afirmam que a escola não possibilitava movimentos de reflexos e discurso sobre a avaliação. Dessa forma, entendemos que parece não ser interesse da escola conhecer a forma que seus alunos são avaliados nem tão pouco, o tipo



de avaliação utilizada por seus professores ao avaliar seus alunos. Seria interessante que ela possibilitasse esse momento de discussão com as professoras proporcionando a socialização das suas dificuldades para que, dessa forma, sejam encontradas alternativas a programar uma avaliação que contribua para o sucesso escolar dos alunos e não para seu fracasso.

Certamente, as dificuldades encontradas pelas professoras dessa escola, ou seja, não compreender o que representa o erro do aluno e a falta de momentos sistemáticos de reflexões sobre a temática são fatores que dificultam o processo de avaliação da aprendizagem dos seus alunos.

Por fim, vale acrescentar que a pesquisa em si, foi extremamente rica em detalhes práticos, possibilitando uma visão da realidade da escola e também dos problemas diários enfrentados pelos professores, por que como foi possível observar não bastando à dificuldade dos professores, em desenvolver as avaliações com os alunos, ainda tem que enfrentar problemas relacionados à família dos educandos, a falta de estrutura e de apoio da escola e da sociedade, mesmo assim está disposto a buscar os melhores meios de levar seus alunos a desvendar suas tarefas.

### **3.2 Análise dos questionários dos alunos**

Os questionários foram elaborados com o objetivo de mostrar a visão que os alunos têm a respeito da avaliação. As questões foram elaboradas de forma bastante simples para possibilitar o entendimento dos alunos e assim obter as informações necessárias para o nosso estudo.

Por se tratar de alunos de 1º ao 4º ano do ensino fundamental, as questões estavam de acordo com o que elas tiveram contado. Para isso foi realizado um estudo prévio sobre como se poderiam trabalhar as questões. Para o 1º ano inicialmente, tratou-se de observar as atitudes dos alunos diante da avaliação e também o grau de interesse sobre a aquisição desse processo. Para os demais anos, o processo análogo, só que na 3º e 4º ano,

os questionários foram aplicados como a consequência de que os alunos sabiam o que representava as questões, não teve qualquer influência dos professores.

Os professores que contribuíram para o nosso estudo foram indispensáveis na obtenção da visão dos alunos, pois disponibilizaram das aulas necessárias para a aplicação dos questionários. Foram programadas varias visitas e em todas não tivemos nenhum empecilho.

### **3.3 Análise do Estágio**

Os professores foram bastante receptivos ao estágio e ao que programamos para trabalhar nas salas de aula. Todos os professores, assim como os próprios gestores, têm a idéia de que o estágio é algo obrigatório e deve ser vivenciado durante o curso de graduação, por ser a forma mais completa que existe de abordar as diferenças dimensões da atuação de um profissional da educação.

Foi muito interessante o contato com os professores, talvez seja por isso que a principal concepção do estágio e ter um tempo de aprendizagem, com a permanencia no lugar onde se realiza o oficio do professor, aprendendo com isso a prática de estar em sala de aula.

A aplicação dos conteúdos foi um momento importante, pois assim foi possível ao mesmo tempo ensinar e aprender, tanto com os professores, como com os próprios alunos.

Enfim, através do estágio foi possível conhecer a estrutura e o funcionamento da escola por outro ângulo. O estágio é responsável por estabelecer uma relação entre um profissional com um aluno estagiário no ambiente de trabalho daquele. E mesmo para aqueles que já tem experiência na sala de aula. O estágio foi muito importante.

## CONCLUSÕES

Realizamos este trabalho no intuito de analisar, como se dá a prática avaliativa nas escolas, conhecer as concepções de cada professor sobre a temática avaliação; analisar as formas como essas concepções influenciam na sala de aula e investigar como avaliação contribui ou interfere no processo ensino-aprendizagem.

Analisando os dados coletados no estágio, percebemos que as professoras não têm clareza do que seja avaliação e em decorrência disso, trabalham apenas com avaliação classificatória, mediante as cobranças que lhe são feitas pelo próprio sistema educacional, que exigem no final de cada bimestre os registros das atividades realizadas pelos alunos, tendo o professor que atribuir uma nota ao aluno, reduzindo os conhecimentos dos educando á uma simples aplicação de provas e trabalhos para quantificar seus conhecimentos.

No decorrer dos encontros, pudemos sentir que os participantes tinham muita força de vontade para aprender, ao demonstrar imenso interesse pela temática em discussão, haja vista, ser para elas um assunto novo e que as levariam á uma melhor compreensão da temática.

Como estava sendo um momento de aperfeiçoamento de conhecimentos e reflexões para todos que estavam presentes, os estudos foram proveitosos permitindo todos se ficassem á vontade e descontraídos.

Após, vários estudos, vimos que a avaliação esta sendo aplicada nas escolas pelos professores de forma arbitrária visando apenas á aplicação de provas, e atribuição de notas aos educados, classificando-os e sentenciando-os. No entanto, a avaliação deve ir além do ato sentencivo, levando o professor a refletir sobre suas ações, sobre como ela pode ser conduzida para que desse modo o aluno descubra seus conhecimentos produzindo-os juntamente com o professor. Entendendo, que a avaliação classificatória ainda persistirá, pois sabemos que as professoras são obrigadas a desenvolver este tipo de avaliação no final de cada bimestre adotando uma nota.

Chegando ao final dos encontros as docentes demonstraram estarem conscientes de que as avaliações estão estreitamente articuladas, sendo a avaliação um momento de dinamizações e harmonia na construção de conhecimento para os que estão envolvidos no processo. Para o professor, ela subsidia dando elementos que o levará a uma reflexão contínua de sua prática. Para o aluno, ela aparece como um instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades, possibilitando-os a construir o seu próprio conhecimento. Para que isso ocorra, cabe a escola ensinar ao aluno a pensar a buscar e a processar informações adequadamente.

A realização desse trabalho, não teve como objetivo dar receitas para as professoras solucionar os problemas, mas com o objetivo de juntos, fazermos reflexões sobre os mesmos as práticas no âmbito escolar. Diante do compromisso enquanto estagiárias procuramos desenvolver um trabalho prático e educativo, atendendo, na medida do possível, aos anseios dos participantes, escola e comunidade.

Concluimos esses estudos, na certeza de que foi útil em nossa formação profissional. Como professoras nos ajudaram a melhor compreender o processo avaliativo na sala de aula e, conseqüentemente melhor avaliar nossos alunos. Como profissional da supervisão escolar irá nos subsidiar nas atividades quando formos trabalhar com os professores, como também nos mostrou possibilidades de como nos tornar profissionais mais competentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – introdução**, Brasília, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa (Org). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**, Rio de Janeiro: DPS, 2000.

FREITAS, Luis Carlos de. **Avaliação e as reformas dos anos de 1990**. SP: Cortez, 2002.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**, Pronto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Mito e desafio: uma perspectiva construtiva**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LIMA, Adriana Oliveira. **Avaliação escolar: julgamento ou construção?** 5ª ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudo e proporções**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MELCHIOR, Maria Celina. (Org). **Avaliação para qualificar a prática docente**. Porto Alegre: Premier, 1994.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1999. (guia da escola cidadã; v.2).

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória: desafios da teoria e a prática de avaliação e reformulação do currículo**. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, Clarilza Prado. (org) **Avaliação do Rendimento Escolar**. 4ª edição. Ed. Campinas, S.P: Papyrus, 1995.

SRED, Cachier. Revista: Setembro, 2001.

## **ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

## Questionário para o/a Professor/ra

Escola:

Tempo que trabalha em educação:

Formação:

Série que leciona:

1. Qual a importância da avaliação no contexto ensino-aprendizagem?

2. Que instrumento você utiliza para avaliar os seus alunos?

Prova oral

Prova escrita

Seminário

Outros? Quais? \_\_\_\_\_

3. Em qual desses tipos de avaliação sua prática pedagógica se aproxima?

Classificatórios

Dialógica

Diagnóstica

Justifique sua resposta

4. O processo avaliativo aplicado por você, interfere ou contribui para aprendizagem do seu aluno?

Sim

Não

Talvez

Justifique sua resposta

5. Você corrige as tarefas de seus alunos?

Sim

Não

Para quê?

## Questionário para o aluno

Série:

Escola:

Repente: Sim ( ) Não ( )

1. Quem participa do processo avaliativo da sua escola.

Professor

Diretor

Supervisor

Pais

outros.

2. Qual o tipo de avaliação a professor utiliza.

Prova oral ( )

Prova escrita( )

Trabalho individual( )

Trabalho em grupo( )

Outros ( )

3. Que método seu professor utiliza para lhe avaliar?

prova       trabalho em grupo       debate

4. Você gosta da forma que é avaliado?

5. Que mudanças você propõe na forma de avaliação usada pelo seu professor?

6. Qual a metodologia utilizada para se abordar os conteúdos em sala de aula?